

# PERCURSOS CULTURAIS PERIFÉRICOS E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: AS EXPERIÊNCIAS DA UFCG<sup>40</sup> E APONTAMENTOS PARA RENOVAÇÃO DA LEITURA ESPACIAL

THIAGO ROMEU<sup>41</sup>

BISMARCK FERNANDES GOMES DA SILVA<sup>42</sup>

DAYENE ALBINO DOS SANTOS<sup>43</sup>

## RESUMO

A Geografia cultural é definida pelo estudo das expressões culturais nas suas diversas manifestações espaciais, sendo responsável pela constituição de reflexões acerca destas manifestações na sociedade incluindo a educação geográfica. O estudo ora apresentado busca analisar os trabalhos de conclusão de curso (TCC) de licenciandos em Geografia, Campus Sede, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, pertinentes a temáticas da Geografia Cultural e do ensino de Geografia em sua interface cultural. Através de uma análise pormenorizada foram averiguados no período de 2013-2019 todos os trabalhos atinentes às temáticas em tela e constatado que a produção nesta universidade dialoga com os temas atuais e sob novas perspectivas que apontam para a valorização das concepções atinentes às geografias periféricas.

**Palavras-chave:** Geografia Cultural, Ensino de Geografia, Campina Grande, Trabalho de Conclusão de Curso

## ABSTRACT

Cultural geography is defined by the study of cultural expressions in their various spatial manifestations, being responsible for the constitution of reflections about these manifestations in society including geographic education. The present study therefore seeks to analyze the course completion works (TCC) of Geography graduates of the Federal University of Campina Grande - UFCG, pertinent to the themes of Cultural Geography and the teaching of Geography in its cultural interface. Through a detailed analysis were verified in the period of 2013-2019 all the works related to the themes on screen and found that the production in this university dialogues with the current themes and under new perspectives that point to the valuation of the conceptions pertaining to the peripheral geographies.

**Keywords:** Cultural Geography, Geography Teaching, Campina Grande, Course Completion Work

## 1. Aproximações iniciais

O estudo sobre temáticas como relações de gênero, étnico-raciais, religião, orientação sexual entre outras, é essencial para uma formação humana consciente e cidadã. Isto serve à dimensões variadas da sociedade incluindo as diversas ciências, entre as quais a Geografia.

---

<sup>40</sup> Universidade Federal de Campina Grande

<sup>41</sup> Professor Adjunto de Geografia da UFCG, thiago\_romeu2000@yahoo.com.br

<sup>42</sup> Graduado em Geografia pela UFCG, bismark13@hotmail.com

<sup>43</sup> Graduanda em Geografia pela UFCG, albinodayene@gmail.com

Amiúde, para este saber, não é essencial apenas à esfera da Geografia Cultural, mas também (e sobretudo) para as diversas áreas que o compõe, incluindo a formação docente, ou seja, o ensino de Geografia. O educador, portanto, é o mediador de processos de ensino-aprendizagem que indagam e instam o educando à reflexões acerca das múltiplas manifestações culturais presentes no seu espaço vivência.

As pesquisas em Geografia produzidas e praticadas na academia até muito recentemente (e ainda em vigência em muitos centros acadêmicos) foram marcadas pelo paradigma positivista e seus desdobramentos. Uma Geografia fundada numa lógica de produção do saber que reproduzia os fundamentos de uma sociedade de classes, instituída para servir ao Estado moderno. Há inúmeros exemplos e diversas publicações que demonstram como a “corporação dos geógrafos universitários” (LACOSTE, 2003) esteve a serviço de lógicas estatais fundamentadas nos princípios positivistas de evolução e organização social. Tais princípios marcaram profundamente a gênese da Geografia enquanto saber acadêmico.

É neste escopo que se forjam os primeiros trabalhos identificados como de Geografia Cultural. Antes mesmo de Carl Sauer, considerado o primeiro grande pesquisador e organizador teórico da Geografia Cultural, trabalhos importantes que versaram sobre a relação cultura/natureza já haviam sido produzidos. Réclus, Ratzel, e Lablache, por exemplo, para citar os de maior renome, produziram diversos trabalhos abordando esta questão até o ponto de serem considerados fundadores de “escolas” nacionais geográficas, verdadeiros paradigmas que moldaram o pensamento acadêmico europeu e do mundo sob sua influência direta. As matrizes alemã e francesa são os principais exemplos. E na constatação insistente de que houve/há escolas formadoras do pensamento, reside o apagamento de produções outras que, em sua diversidade, fogem à padronização “escolar”, taxadas como erráticas e não merecedoras de prestígio. O que legitima mais uma herança positivista que é a da “linhagem” do pensamento.

Todavia, é este o ponto de inflexão. O fato destas matrizes terem determinado os rumos da produção acadêmica geográfica não significou que determinaram o fazer geográfico cotidiano. A produção e apropriação espacial é resultado da vida humana em seu devir. Independente do percurso acadêmico que uma pesquisa ou saber venha adotar, a realidade mostra que pouco (ou até nada) das pesquisas e do fazer acadêmico pode influenciar a realidade, tampouco, transformá-la. A Geografia parece continuar a se prestar ao serviço do Estado. Mas há um saber geográfico tácito no meio das pessoas comuns, não acadêmicas, há um saber que não está num espaço reificado, mas no cotidiano dessas pessoas. Uma vivência espacial que se aproxima da “Geografia Mítica” (DARDEL, 2011, p. 71) coletiva e tradicional. Um saber vivido, experimentado e aliado das

formulações oficiais. Há também quem se interesse por este saber e o queira investigar. É neste ponto incômodo para a “Geografia do Estado” que parece se encontrar os temas da cultura e a gênese da Geografia Cultural.

Desse modo, o termo multiculturalidade assume centralidade e relevância nas discussões adotadas no ambiente acadêmico. Aos professores, tais reflexões contribuem para que se possa abandonar posturas ou pré-conceitos que os desafiem a olhar a realidade do meio social, para incorporá-las em sala de aula, de maneira reflexiva e em busca de soluções pelas quais se apresentem argumentos que desconstruam a ideia de desigualdade cultural (gênero, sexualidade, étnico raciais, entre outras), aliados ao direito à educação escolar em condições cidadãs que formem sujeitos autônomos e livres.

Nesse sentido, este texto objetiva analisar os trabalhos de conclusão de curso, de estudantes de licenciatura em Geografia (UAG/CH) da Universidade Federal de Campina Grande, campus sede, referentes à Geografia Cultural e ensino de Geografia, com o intuito de descrever a variedade de temas que formam objeto de interesse dos estudantes.

## **2. Brevíssimos apontamentos da Geografia Cultural no Brasil até aqui**

Em função da história da Geografia envolver desde sempre o debate em torno da noção de cultura, é lamentável, mas não estranho, o fato desta disciplina nunca ter se dedicado a estabelecer uma concepção própria para a categoria “cultura”. Por isto mesmo, é difícil precisar ou delimitar a Geografia Cultural a partir de única definição. Para uma melhor compreensão, é importante se reportar a seu surgimento, atribuído a Carl Sauer na década de 1920, momento considerado de efervescência da Geografia Cultural. Todavia, o próprio Sauer (2011, p. 11) propõe uma definição para esta área muito limitadora e divorciada da Geografia Humana. Para ele, cultura definia-se como “modo de vida” (CORRÊA, 2001, p.15). James Duncan, segundo Corrêa (*ibidem*, p.25), critica o fato de os geógrafos culturais terem aceitado “um conceito que considera cultura uma entidade supra-orgânica”, uma reificação, portanto. Uma “entidade acima do homem, não redutível às ações pelos indivíduos que estão associados a ela, misteriosamente, respondendo às suas próprias leis” (DUNCAN, 1980 *apud* CORRÊA, 2001, p. 25).

Apesar das críticas, a Geografia Cultural contribuiu decisivamente para uma perspectiva mais ampla e, por que não dizer, emancipatória dos vínculos com o Estado a partir da valorização da perspectiva imaterial da paisagem, perceptível como conceito importante em pesquisas

realizadas desde Sauer, mas não restritas a ele. Trabalhos como os de Jean Brunhes (1962) vão apontar nesta direção. O declínio desses estudos ocorre com a ascensão da Geografia Quantitativa, postergando seu ressurgimento somente na década de 1970 com outro aporte teórico, com outros sentidos e, conseqüentemente, outros desdobramentos. Alguns destes reflexos podem ser observados no Brasil. Os estudos vinculados à Geografia Humanista que despontam na Europa acabam por estimular o surgimento de laboratórios e produções a partir da década de 80 e mais fortemente na década seguinte. As traduções das obras de Yi-fu Tuan pela professora Livia de Oliveira e a criação, por exemplo, do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), na UERJ, são exemplos da renovação de abordagem cultural, reivindicando, assim, novos caminhos para a Geografia Humana no Brasil (CLAVALL, 2012) e apontando fortemente para uma leitura geográfica com ênfase num viés cultural.

O professor Roberto L. Corrêa aponta que a Geografia humanista-cultural seria o resultado da confluência de diversos subcampos oriundos de uma posição epistemológica crítica aos procedimentos implementados até recentemente na Geografia acadêmica. Há fortes vínculos com o espaço imaterial e suas subjetividades, possibilitados graças à heterotopia epistemológica da Geografia Cultural, com muitas vertentes e desdobramentos, ora justapostas, ora combinadas, matrizes distintas e posições individualizadas (CORRÊA, 1999). Uma diversa e profícua relação entre campos de conhecimentos diferentes. Por isso a dificuldade em destacar um caminho ou uma definição, pois ela se desdobra desde uma abordagem individual até a mais coletiva. Porém o que seria esse olhar sobre o espaço imaterial? Sua importância vem da sua força política, pois é nítido, por exemplo, que comidas e músicas, por exemplo, são símbolos e representam a cultura de determinado lugar, constituindo-se verdadeiras paisagens simbólicas, e no Brasil (dadas suas dimensões continentais) abre-se um leque de múltiplas e interativas possibilidades simbólicas.

A diversidade, então, transcende as paisagens metonímicas (MACIEL, 2012), mostrando-se, acima de tudo, nos espaços opacos (SANTOS, 2003), nos circuitos inferiores da economia (SANTOS, 1979). Logo, a Geografia Cultural pode avançar para além do que vinha sendo produzido até antes de sua aparição, isto é, de uma geografia ainda em prol de governos e planejamentos, para uma ligada a produção de um conhecimento fundado na realidade dos sujeitos. Agora, uma vez ampliada, pode dialogar, acompanhar, experimentar e, até mesmo, engajar-se nas dinâmicas geográficas nunca antes reconhecidas como tais.

### 3. A Perspectiva Cultural da Geografia feita na UFCG

É neste quadro histórico do saber geográfico que se encontra a experiência da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) enquanto pequena tributária da Geografia Cultural. Encravada no planalto da Borborema, Agreste paraibano, a cidade de Campina Grande exerce um papel importante na formação de jovens de diversas regiões polarizadas pela cidade. E a universidade, especialmente, o curso de Geografia, tem tido um papel destacado na pesquisa e produção de conhecimento sobre a realidade de sua área de influência. Todavia, o curso é recente, desenvolve atividades há, somente, dez anos, tendo sua primeira turma sido concluída em 2013. Por isso mesmo, não é possível pensar numa contribuição formidável em termos quantitativos, mas há que se considerar que nestes poucos anos de existência, podemos identificar diversos trabalhos de conclusão de curso, além de pesquisas de iniciação científica, projetos de extensão entre outras atividades em andamento.

A produção tem transitado entre as diversas esferas educacionais da Geografia Cultural e Humanista, com temário variado, sempre evitando reificações, destacando, assim, os sujeitos produtores destes espaços e suas espacialidades. Doravante, enfatizaremos de modo resumido os aspectos de cada um.

Iniciando a abordagem cultural em trabalhos de conclusão de curso, Juliana Marinho (2013) pesquisou a divisão espacial da área da festa de São João, no Parque do Povo, em Campina Grande. A festa divulgada sob o *slogan* de “Maior São João do Mundo”, tem seu espaço dividido de forma a separar ricos de pobres, como fica evidente em seu trabalho, provocando uma territorialização diferenciada entre os sujeitos frequentadores da festa. Ainda no temário das festas, mais recentemente, Jozineide Pereira (2016) avaliou a dinâmica da Festa do Bode Rei, em Cabaceiras, no Cariri paraibano, considerado o município mais seco do país. Evento que estabelece o nexo entre as dimensões econômica e simbólica na vida dos seus habitantes.

Numa perspectiva que une as dimensões da cultura e do espaço urbano, Jordânia Marques (2016) mostra as possibilidades do turismo cultural como alternativa de desenvolvimento para pequenas cidades, com ênfase na cidade de Pedra Lavrada/PB enquanto Macielle Reis (2018) discorre sobre a segregação socioespacial de estudantes da Vila Dos Teimosos em Campina Grande, referindo-se a segregação dos moradores com relação ao bairro onde a vila é localizada, evidenciando o poder da educação para a busca de direitos sobre o espaço de vivência.

No enfoque da Geografia Histórica, Thaise Ferreira (2016) analisou a ocupação do Riacho das Piabas, em Campina Grande. Curso de água em torno do qual se formou grande parte do espaço urbano do município e que alimenta o Açude Velho, a principal metonímia geográfica da cidade. Este mesmo açude foi o tema de Taís Karoline Barros (2016), que discutiu sua materialidade e sua representação ao longo da história da cidade. Por sua vez, José Hornyhelthow da Silva (2019), voltou-se à análise da formação territorial de São João do Cariri, enfatizando sua formação político-territorial que tem na festa da padroeira seu principal testemunho.

Sob o olhar do ensino de Geografia e do espaço escolar, os trabalhos de Iranildo Sousa (2017), Lívia Nascimento (2017), Virgínia Alves (2017), Polyanna Caluête (2018), Maria Elaine Silva (2018) e Andreza Medeiros (2018) requerem atenção. Os trabalhos de Iranildo, Maria José e Andreza Medeiros, abordam os desafios da inclusão do ensino de Geografia em todos os níveis escolares, a estudantes com deficiência visual. Os autores desenvolveram pesquisas com a finalidade de visibilizar os desafios que o professor vidente enfrenta para ensinar estudantes nestas condições em Campina Grande. O trabalho de Lívia Nascimento investiga como é feita a discussão de gênero numa escola de periferia do município de Lagoa Seca, limítrofe a Campina Grande. O terceiro buscou investigar as memórias de universitários gays acerca de seus espaços escolares, tentando identificar os espaços de vigilância, segregação e punição nas escolas, bem como seus territórios de segurança e domínio, os quais chamou de “armários” escolares. Em uma perspectiva parecida, o trabalho de Polyanna Caluête aborda a discriminação sofrida por lésbicas, verificando a que ponto tais situações influenciaram em seu nível de escolarização e/ou afastamento da escola.

Ainda na esfera do ensino de Geografia, destacando a educação geográfica, quatro trabalhos ganham relevo. Marcinalva Rego (2013) pesquisou as possibilidades metodológicas do ensino de Geografia para crianças portadoras de limitação cognitiva, tendo como sujeitos as crianças vinculadas à APAE de Campina Grande. Dando destaque às vivências espaciais das crianças como forma de compreensão dos conteúdos curriculares. Bismark Silva (2015), por sua vez, evidencia a importância das linguagens do rap e do grafite como potencializadores de práticas metodológicas na educação de jovens e adultos (EJA). Conectando, assim, a dimensão das práticas didáticas da Geografia ao discurso e linguagens de grupos sociais subalternizados, seja pelo lugar social (jovens e adultos em distorção série-idade), seja pelos locais de moradia (periferias de Campina Grande). Ivana Marques (2018), no que lhe concerne, abordou os desafios para a discussão de gênero e sexualidade no ensino de geografia, sob a perspectiva das propostas curriculares. Naum Alves (2018) contribuiu com a discussão sobre a importância da aplicação de

recursos didáticos geográficos táteis, construindo um método voltado para a formação de professores do ensino básico inclusivo tendo como destinatários estudantes com deficiência visual.

Dando ênfase aos sujeitos subalternizados, os trabalhos de Thiago Ferreira (2017), Aline Almeida (2017), Danilo Ataíde (2017) e José Dinaldo (2018) se destacaram por romperem com a dificuldade em tratar dos sujeitos em condição de vulnerabilidade ou de discriminação. O primeiro, abordando o universo dos pichadores, descortina a realidade espacial destes sujeitos em Campina Grande. O trabalho de Aline Almeida inaugura a discussão racial ao analisar a aplicação da Lei 10.639 (que torna obrigatório o ensino de História da África e da escravidão) nos eventos acadêmicos de Geografia na Paraíba e a representação dada aos povos negros nos livros didáticos. Enquanto o trabalho de Danilo Ataíde investigou a reinserção de refugiados de diversas nacionalidades em João Pessoa. José Dinaldo, por sua vez, discute a questão etnoracial no ensino de geografia no espaço escolar.

Finalmente, numa perspectiva mais fenomenológica, o trabalho de Ivna Costa (2016) inova ao destacar a fotografia como metodologia eficaz para investigar as diferentes territorialidades presentes na principal praça de Campina Grande, a Praça da Bandeira. Maria Auxiliadora da Silva (2017), no que lhe concerne, empreende uma análise, numa perspectiva humanista, de categorias da paisagem em Augustin Berque e os vínculos entre Literatura e Geografia a partir do estudo do conto Caiarara, de Ana Privesi.

**QUADRO 1** – Produção de Trabalhos de Conclusão de curso da UAG – UFCG, pertinentes ao viés cultural de Geografia, entre os anos de 2013 e 2019.

TEMÁTICA	ANO	QUANTIDADE
Festa	2013-2016	2
Urbana	2016-2018	2
Geografia Histórica	2016-2019	3
Ensino de Geografia e Espaço escolar	2017-2018	6
Educação geográfica	2013-2018	4
Sujeitos subalternizados	2017-2018	4
Metodológica	2016-2017	2
<b>TOTAL</b>		<b>23</b>

Fonte: Elaboração própria.

Esta sucinta exposição teve a intenção de mostrar que há uma produção geográfica no âmbito da UFCG que tem sido resultado dos avanços da Geografia Cultural no pensamento geográfico brasileiro, com reflexos em Campina Grande. Ainda que relativamente pequena em

números absolutos (como demonstra a tabela acima) a produção segue relevante, denotando o interesse e a descoberta de novos temas para a análise geográfica por jovens pesquisadores, indicando assim vitalidade, longevidade e possível ampliação das pesquisas de viés cultural em Geografia. Tudo isso em função do acúmulo e da ampliação do entendimento do que vem a ser Geografia e Cultura.

#### **4. Caminhos e Projetos de Trabalhos**

O que tem sido produzido até o presente momento tem demonstrado certo alinhamento ao que vem sendo produzido na Geografia Cultural brasileira, priorizando diferentes esferas da experiência humana, caracterizando assim a polissemia do termo cultura. Neste sentido, é positiva a ausência de uma categorização definidora do conceito de cultura para a Geografia, posto que ao longo do tempo, especialmente na atualidade (e na UFCG não tem sido diferente), diversos temas e abordagens vêm sendo discutidas sem restrição ou cerceamento por extrapolar o escopo geográfico. É como se, enfim, os geógrafos estivessem ousando e para isso fosse necessária, como pré-condição, o trânsito nos limites dos métodos. Abordagens como as de Cosgrove (1998) apontam que ao invés da negação, a relação parece uma alternativa mais promissora, posto que a mescla de visões já constasse nos primórdios da Geografia Cultural.

A importância desta leitura conjuntural da produção vai muito além de uma mera auto-avaliação proforma, tampouco se presta a suprir demandas pretensivas. Na verdade, tem a finalidade de averiguar e conjecturar sobre possibilidades analíticas e alternativas temáticas para novas pesquisas. Tentando visualizar, por meio do que fora trilhado até aqui, novos caminhos analíticos e possibilidades de relações ainda pouco nítidas.

Neste sentido, parecem promissores os vínculos com as mais variadas linguagens artísticas, bem como as abordagens que tratam o corpo como uma dimensão analítica para a Geografia. Os trabalhos que envolveram o uso de fotografias e um gênero literário apontam para a riqueza da conjugação entre Geografia e as diversas linguagens artísticas. Tomando como exemplo outra expressão artística, nada se trilhou entre a Geografia e o cinema, por enquanto, mesmo sendo de conhecimento comum que esta arte transcende todos os usos que se possam de antemão apontar, uma vez que a multiplicidade de ferramentas e possibilidades dadas pelo cinema o torna uma arte absolutamente necessária para o entendimento das paisagens, só para citar um aspecto geográfico. Todas as outras artes, dadas sua materialidade ou expressão se darem de modo especializado, podem e devem ser objeto de vínculos com a Geografia. Assim sendo, a dança

parece ser ainda a expressão artística para a qual a “corporação dos geógrafos” ainda oferece robusta resistência. A dificuldade em se enxergar a espacialidade do corpo ou as corporeidades humanas que constituem o espaço, bem como as performances como representações das relações humanas expressas espacialmente, talvez sejam alguns dos elementos que dificultem uma sensibilização da Geografia frente a esta arte. A mesma dificuldade que, na esfera da Geografia Econômica, o trabalho corporificado no trabalhador encontra resistência na construção de uma Geografia do Trabalho.

O tratamento dispensado aos temas que envolvem os sujeitos subalternizados parece ser um caminho que os novos geógrafos egressos da UFCG têm desejado traçar. Os temas relativos às questões raciais, de gênero, assim como a ênfase às espacialidades LGBTQI+ e femininas parecem estar despertando interesses em diversos estudantes. O que expressa o descontentamento e confronto com os discursos de ódio e opressão plasmados na sociedade. Ou seja, há uma redescoberta do apelo político inerente às estes temas e suas interseccionalidades e as experiências particulares parecem estar encontrando eco nestas questões, de modo que têm orientado os interesses de pesquisa nesta direção. Também ecoam interesses em temas religiosos que apontam para a importância de novas narrativas que deem conta das espacialidades múltiplas que envolvem as religiões, especialmente num país plurireligioso como o Brasil. É na conjunção destes temas que despontam os sujeitos fazedores da realidade espacial como foco central da maioria das pesquisas.

Um desdobramento disso é o imediato nexos entre os sujeitos subalternizados e periferias ou lugares opacos (SANTOS, 2003). Sendo esta uma obviedade do espaço em países subdesenvolvidos, as periferias têm despontado como o lócus por excelência de uma experiência espacial que foge à tradição geográfica de se prestar aos interesses do Estado. E seus sujeitos têm aparecido nas pesquisas. Contudo, para além de uma reificação dos sujeitos periféricos e subalternizados, as pesquisas têm apontado críticas a eles, mostrando-os não como meros reflexos sociais, mas capazes de alterarem, ainda que limitadamente, os próprios destinos, alinhando-se, portanto, a uma perspectiva epistemológica crítica que aponta ao pós-estruturalismo. É esta “descoberta” dos sujeitos e seus espaços que tem, no limite, permitido a busca dos estudantes e professores por vínculos, por exemplo, com grupos indígenas, comunidades tradicionais de pequenos produtores rurais, entre outros.

Projetos de pesquisa e extensão ainda precisam ser ampliados, mas os desdobramentos em ações com as comunidades locais já têm se apresentado como horizonte promissor, procurando resolver ou, ao menos, reduzir problemas efetivos sobre os quais algumas pesquisas possam

colaborar. À título de exemplo, trabalhos como os de Iranilson Sousa (2016) e José Dinaldo (2018) são resultado direto do projeto de extensão no Instituto dos Cegos de Campina Grande, demonstrando a importância das atividades de extensão acadêmicas para uma produção pródiga na valorização dos sujeitos sociais.

Tais pesquisas têm apontado alguns limites do trabalho acadêmico, denunciando, por exemplo, a dificuldade do curso de Geografia da UFCG (mas não exclusivamente dele) em lidar com estudantes com deficiência ou limitações físicas, salientando o “fosso” existente entre as pesquisas sobre espacialidade e a realidade de muitos indivíduos. A distância ainda é maior quando se considera que atualmente é quase impossível um professor com alguma destas necessidades vir a compor o quadro docente. E isto tem se apresentado como um desafio aos diversos saberes, entre eles, a Geografia. Temos a impressão que a Geografia Cultural pode abordar sob seu escopo teórico pesquisas que deem visibilidade e cidadania aos sujeitos com estas limitações. Logo, métodos inovadores de pesquisa precisam ser engendrados e testados. Portanto, a ousadia na escolha de temas e métodos parece ser palavra de ordem neste momento.

Macrocefalia urbana, periferização, precariedade e precarização das estruturas escolares, da carreira docente e do valor da educação, disputas por territórios simbólicos, ampliação da população de rua, destruição do patrimônio histórico, discriminação de grupos minoritários, racismo, sexismo, entre outros problemas são ampliados pela permanente desigualdade regional, designando ao Nordeste à condição sempiterna de periferia nacional. Estas são algumas questões que, postas em perspectiva, levam-nos a crer que há mais diálogos possíveis entre as produções em Geografia Cultural e Ensino de Geografia em Campina Grande do que se pode supor um olhar açodado. Trata-se, portanto, de um olhar antes mais voltado à integração dos saberes que o que valoriza a segmentação do conhecimento. Algo que atualmente podemos chamar de Educação Geográfica.

## **5. Considerações Finais**

Ao propormos esta análise, tentamos fomentar uma discussão “intramuros”. Um olhar para dentro, com vistas a avaliar em que medida dialogamos entre nós mesmos e com a realidade exterior. No caso da UFCG, é perceptível que as iniciativas dos estudantes e professores tem promovido avanços importantes no leque de temas abordados a partir de uma perspectiva cultural

da Geografia. Mas é nítido que há muito mais a tratar. Não apenas porque os temas de pesquisa não se esgotam, mas acima de tudo, porque a realidade tem clamado por mais que pesquisa.

A urgência dos temas tem feito com que muitos projetos de pesquisas não se esgotem na apresentação de um TCC ou no projeto de um mestrado. Os sujeitos e as comunidades têm demandado participação e engajamento, o que impõe novos desafios às pesquisas, ou reanima antigas questões outrora abordadas por geógrafos como a participação e o envolvimento direto com os objetos, agora postos como sujeitos da pesquisa. A busca pelas relações entre “espaço social” e “espaço cultural” tem salientado as disputas políticas pela materialidade da vida e o território tem aparecido como conceito-chave para tal compreensão (BONNEMAISON, 2012). Logo, amplia-se a necessidade do diálogo mais intenso entre pesquisadores de diversas áreas, necessariamente “borrando”, por assim dizer, as fronteiras entre as ciências e reduzindo cada vez mais os limites entre os conhecimentos (SOUSA SANTOS, 2010).

Os desafios obrigam a inovar em termos epistêmicos e metodológicos. Por conseguinte, é iminente questionar o quadro epistêmico de dependência eurocêntrica. Não negando, mas pondo em perspectiva tais influências, pode ser não só produtivo, mas significativo para uma verdadeira inovação científica. Pôr em destaque a colonialidade do Poder, considerando que ela engendra outras colonialidades, como a do Saber e do Ser (MIGNOLO, 2004) postas, de antemão, no olhar do pesquisador, pode estimular a crítica sobre o nível de influência do pesquisador no resultado das pesquisas. Considerar novos aportes teóricos no âmbito da reflexão descolonial é uma escolha epistêmica que, de nossa perspectiva, aponta para inovações metodológicas e pode propiciar a formulação de conhecimentos inteiramente novos e condizentes com os desafios novos de nosso tempo. Há importantes iniciativas nesta direção (CRUZ; OLIVEIRA, 2017) e cremos que o caminho das parcerias e diálogos com outros centros periféricos, bem como os pesquisadores e suas localidades não hegemônicas podem ser promissores no que tange o avanço das pesquisas em Geografia Cultural e a produção de conhecimento relevante para as comunidades e sujeitos diretamente em contato com a UFCG.

## 6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Souza. **A Questão Étnico-Racial e o Ensino de Geografia: Análise de Livro Didático e a Formação dos Professores**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em

Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

ALVES, Naum Filipe Nicácio. **O ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DOS RECURSOS TÁTEIS PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM ESCOLAS DE CAMPINA GRANDE**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB.

ALVES, Virgínia de Lourdes Gomes. **As Territorialidades Gays do Armário Escolar: Mapeando Mentalmente nosso “Daltonismo Cultural”**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

ATAÍDE, Danilo Aldrin Leite. **O Desafio da Inclusão Social dos Refugiados na Cidade de João Pessoa**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

BARROS, Taís Karoline da Silva. **A Representação e a Materialidade do Açude Velho em Campina Grande: Uma Análise a partir da Geografia Histórica**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

BONNEMAISON, Jöel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRUNHES, Jean. **Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

CALUÊTE, Polyanna Nayanna de Brito. **DA SOCIEDADE AO ESPAÇO ESCOLAR: DISCUTINDO A EXCLUSÃO DAS MULHERES LÉSBICAS**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural no Brasil. In: SERPA, A; BARTHE-DELOIZE, F. **Visões do Brasil: Estudos Culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2012

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. 16/11/1999. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>>. Acesso em 20/08/2017.

\_\_\_\_\_. Carl Sauer e a Escola de Berkley – Uma Apreciação. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, nº 5, 1998, p. 5 – 29.

COSTA, Ivna Morgana de Sousa. **Recortes do Cotidiano: O Uso de Fotografias na Análise Geográfica das Práticas Socioespaciais na Praça da Bandeira em Campina Grande**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araújo (Orgs.). **Geografia e Giro Descolonial: Experiências, Ideias e Horizontes de Renovação do Pensamento Crítico**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017.

FERREIRA, Thaíse Araújo. **As Transformações Geohistóricas em Campina Grande: O caso do Riacho das Piabas**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

FERREIRA, Thiago Assis. **A Territorialidade das “Pixações” Urbanas: O caso do município de Campina Grande**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: Isso Serve, em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra**. 10ª Edição. São Paulo: Papirus, 2003.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. A Geografia Política da Paisagem: Imagens, Narrativas e Sensibilidades Culturais em Disputa no Espaço Público Recifense. In: Maciel, C. A. A; Gonçalves, C. U.; Pereira, M. C. B. (Orgs.). **Abordagens Geográficas do Urbano e do Agrário**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

MARINHO, Juliana Tavares. **Segregação Sócio-espacial no São João do Parque do Povo em Campina Grande**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

MARQUES, Ivana Souza. **OS DESAFIOS PARA A DISCUSSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM OLHAR NAS PROPOSTAS CURRICULARES**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB.

MEDEIROS, ANDREZA KELLY GUEDES DE. **AUTONOMIA INTELLECTUAL E ESPACIAL DE GRADUANDO COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM UNIVERSIDADE PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE - PB: O CASO DO CCBS/ UFCG**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande – PB.

MIGNOLO, Walter. Os Esplendores e as Misérias da “Ciência”: Colonialidade, Geopolítica do Conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SOUSA SANTOS, Boaventura (Org.). **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: “Um Discurso sobre as Ciências Revisitado”**. São Paulo: Cortez, 2004.

NASCIMENTO, Livia Silva. **A Prática de Ensino de Geografia em Escolas do Município de Lagoa Seca-PB**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

PEREIRA, Jozineide Severina. **A Festa do Bode Rei: Cultura, Economia e Transformações Espaciais no Município de Cabaceiras-PB**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

RÊGO, Marcinalva Tavares. **Ensino de Geografia e a Educação Inclusiva na APAE-CG**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2003.

SOUSA, Iranildo Anibal de Lima. **A Formação do Professor de Geografia e a Inclusão de Pessoas com Deficiência Visual na Sala de Aula: Os Desafios da Prática Docente**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Um Discurso Sobre as Ciências**. 16. ed. Porto: B. Sousa Santos e Edições Afrontamento, 2010.

SILVA, Bismark Fernandes Gomes. **O Rap e o Grafite enquanto Linguagens Mediadoras na Geografia Escolar: Uma Abordagem a partir da Educação de Jovens e Adultos**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SILVA, José Dinaldo Martins da. **A QUESTÃO ETNORACIAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA, EM ESCOLAS LOCALIZADAS NO BAIRRO DAS MALVINAS, CAMPINA GRANDE – PB.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SILVA, José Hornyhelthow Lucas da. **Formação Territorial e Geografia Histórica de São João do Cariri: Notas Jurídicas e Políticas.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SILVA, Maria Auxiliadora Gomes. **Geografia e Literatura: Uma Análise da Paisagem Marca e Matriz no Conto Caiarara de Ana Maria Primavesi.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

SILVA, Maria José Elaine Costa. **INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM DUAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.

REIS, Macielle Maria dos. **IMPACTOS DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ALUNOS QUE MORAM NA VILA DOS TEIMOSOS EM CAMPINA GRANDE – PB.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia). Unidade Acadêmica de Geografia. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.